

Textos para Discussão N° 37

Secretaria do Planejamento e Gestão
Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser

Movimentos pendulares no Rio Grande do Sul: um foco sobre as aglomerações urbanas

Maria de Lourdes T. Jardim
Tanya M. de Barcellos

Porto Alegre, agosto de 2008



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO

Secretário: Mateus Affonso Bandeira



DIRETORIA

Presidente: Adelar Fochezatto

Diretor Técnico: Octavio Augusto Camargo Conceição

Diretor Administrativo: Nóra Angela Gundlach Kraemer

CENTROS

Estudos Econômicos e Sociais: Roberto da Silva Wiltgen

Pesquisa de Emprego e Desemprego: Míriam De Toni

Informações Estatísticas: Adalberto Alves Maia Neto

Informática: Luciano Zanuz

Editoração: Valesca Casa Nova Nonnig

Recursos: Alfredo Crestani

TEXTOS PARA DISCUSSÃO

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos direta ou indiretamente desenvolvidos pela FEE, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões. As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista da Fundação de Economia e Estatística.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Movimentos pendulares no Rio Grande do Sul: um foco sobre as aglomerações urbanas.*

Tanya M. de Barcellos

Socióloga, Técnica da FEE

Maria de Lourdes T. Jardim

Demógrafa, Técnica da FEE

Resumo

Integrando o projeto Território, coesão social e governança democrática, do Observatório das Metrópoles (Institutos do Milênio), o estudo se propõe analisar os fluxos pendulares que têm origem no Rio Grande do Sul, priorizando as trocas intra e inter aglomerações urbanas, com base nos microdados da amostra do Censo Demográfico 2000. Além de contabilizar e mapear os movimentos pendulares, pretende-se identificar que segmentos ocupacionais são mais afetados pela necessidade de deslocamento e traçar um perfil demográfico da população em mobilidade, usando as variáveis de sexo e idade.

Os pressupostos analíticos que orientam essa abordagem se ligam às discussões acerca dos efeitos da reestruturação na espacialização das atividades econômicas e, por decorrência, nas formas de interação entre moradia e trabalho.

Palavras chave: mobilidade pendular; aglomerações urbanas, Rio Grande do Sul

Abstract

This paper analyses the spatial mobility of the population living in Rio Grande do Sul (Brazil) and it is integrated in the discussion on the effects of restructuring process. It is based on the 2000 Demographic Census, and focuses the origin and destination of commuting, among and inside the urban agglomerations. It detaches the occupational structure and the demographic configuration of the population involved in those movements.

Key words: population mobility, urban clusters, Rio Grande do Sul (Brazil)

Classificação JEL: J11; J61

Na organização do território, a distribuição de funções entre cidades engendra movimentos populacionais importantes, sobretudo com o entorno. São os denominados movimentos pendulares, que envolvem deslocamento do local de residência para outro lugar, onde se realiza atividade de trabalho e/ou estudo. Em geral esses deslocamentos ocorrem no interior de aglomerações urbanas envolvendo a existência de polaridades, no sentido de que certas

* "Trabalho a ser apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú –MG – Brasil, de 29 de setembro a 3 de outubro de 2008"

localidades concentram atividades econômicas e equipamentos e, por conseqüência, oportunidades, principalmente de trabalho.

Este trabalho tem por objetivo fazer uma leitura da mobilidade pendular no Rio Grande do Sul, com foco voltado para as aglomerações urbanas¹ e para o perfil ocupacional da população em mobilidade. Procuramos ainda situar o Estado no quadro nacional, investigando um pouco as relações que se estabelecem com outras Unidades da Federação e, na medida em que temos fronteiras, com outros países.

Dimensionamos e espacializamos os principais fluxos de mobilidade, de modo a identificar pólos de atração (destino) e áreas de origem. Pensamos que a origem se relaciona fundamentalmente com a existência de “dependência” em termos econômicos, em relação a áreas que concentram oportunidades, e o destino se vincula com a existência dessa concentração. Tais trocas nos apontam centralidades importantes, fundamentais para refletirmos sobre as tendências de expansão de nossas grandes aglomerações urbanas.

A pesquisa que dá origem a esse trabalho se insere no Projeto Observatório das Metrôpoles: território, coesão social e governança democrática (Programa Institutos do Milênio, 2005-2008, Edital MCT/CNPq).

O RS no quadro nacional

Analisando as informações que sintetizam os fluxos pendulares entre unidades da federação, constatamos que, embora representando apenas 6,66% do total da população que trabalhava ou estudava em 2000, a mobilidade pendular no Brasil abrangia um contingente superior a sete milhões de pessoas. São Paulo sozinho tinha mais de dois milhões de habitantes em situação de mobilidade, representando mais de 29% dos deslocamentos para trabalho e/ou estudo no País. No Rio Grande do Sul, 542.756 habitantes faziam esse tipo de deslocamento, com proporção mais elevada do que a média nacional. Praticamente 8% da população em atividade de trabalho e/ou estudo saíam regularmente do seu município de residência (Tabela 1).

¹ Estamos considerando a composição das aglomerações urbanas do Rio Grande do Sul conforme definida em http://www.metroplan.rs.gov.br/institucional/area_atua.htm. Incluímos ainda um conjunto de municípios que vem sendo denominado de região perimetropolitana, que circunda a RMPA e se estende em direção à AUNE, sendo relevante em termos de produto e emprego no RS, e cuja constituição está definida em Alonso, 2003.

Tabela 1

População residente, por deslocamento para trabalho ou estudo, segundo as Unidades da Federação, Brasil - 2000

Unidades da Federação de Residência	Total	Não trabalha, nem estuda	Trabalha ou estuda			Taxa de Mobilidade* %	Distribuição dos fluxos** %
			Total	No município de residência	Em outro município ou país estrangeiro		
Brasil	169.872.859	58.693.866	111.178.987	103.775.625	7.403.362	6,66	100,00
Acre	557.882	208.877	349.005	345.863	3.142	0,90	0,04
Alagoas	2.827.856	1.099.603	1.728.253	1.669.514	58.739	3,40	0,79
Amapá	477.032	161.397	315.634	306.120	9.514	3,01	0,13
Amazonas	2.817.252	1.091.117	1.726.135	1.716.766	9.369	0,54	0,13
Bahia	13.085.769	4.515.047	8.570.722	8.294.135	276.587	3,23	3,74
Ceará	7.431.597	2.520.586	4.911.011	4.752.692	158.319	3,22	2,14
Distrito Federal	2.051.146	598.992	1.452.154	1.445.204	6.950	0,48	0,09
Espírito Santo	3.097.498	997.813	2.099.684	1.883.692	215.992	10,29	2,92
Goiás	5.004.197	1.654.729	3.349.468	3.026.158	323.310	9,65	4,37
Maranhão	5.657.552	1.918.975	3.738.578	3.612.114	126.464	3,38	1,71
Mato Grosso	2.505.245	821.336	1.683.909	1.626.867	57.042	3,39	0,77
Mato Grosso do Sul	2.078.070	702.232	1.375.838	1.340.236	35.602	2,59	0,48
Minas Gerais	17.905.134	6.223.533	11.681.601	10.902.606	778.995	6,67	10,52
Pará	6.195.965	2.181.176	4.014.789	3.869.583	145.206	3,62	1,96
Paraíba	3.444.794	1.251.250	2.193.543	2.066.531	127.012	5,79	1,72
Paraná	9.564.643	3.182.192	6.382.451	5.947.142	435.309	6,82	5,88
Pernambuco	7.929.154	3.007.175	4.921.979	4.501.225	420.754	8,55	5,68
Piauí	2.843.428	944.167	1.899.260	1.852.933	46.327	2,44	0,63
Rio de Janeiro	14.392.106	5.204.495	9.187.610	8.207.444	980.166	10,67	13,24
Rio Grande do Norte	2.777.509	1.009.380	1.768.129	1.663.777	104.352	5,90	1,41
Rio Grande do Sul	10.187.842	3.369.473	6.818.369	6.275.613	542.756	7,96	7,33
Rondônia	1.380.952	474.675	906.277	895.084	11.193	1,24	0,15
Roraima	324.397	95.351	229.046	226.331	2.715	1,19	0,04
Santa Catarina	5.357.864	1.635.435	3.722.429	3.459.320	263.109	7,07	3,55
São Paulo	37.035.456	12.810.425	24.225.030	22.063.160	2.161.870	8,92	29,20
Sergipe	1.784.829	614.089	1.170.739	1.089.358	81.381	6,95	1,10
Tocantins	1.157.690	400.346	757.344	736.157	21.187	2,80	0,29

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

* Percentual da população que trabalha ou estuda em outro município ou país estrangeiro (coluna 6) em relação ao total da população que trabalha ou estuda (coluna 4).

** Percentual da população de cada UF que trabalha ou estuda em outro município ou país estrangeiro em relação ao total do País.

Tendo em vista tratar-se de movimentos que por suas características envolvem fundamentalmente proximidade geográfica, grande parte deles ocorre dentro dos aglomerados urbanos e dentro das Unidades da Federação. Segundo Deschamps e Cintra (2007) os fluxos interestaduais representam apenas 9,1% do total, e aqueles para outros países não chegam a significar 1% da mobilidade.

Situando a taxa de mobilidade pendular da população residente no Rio Grande do Sul que trabalha ou estuda, no quadro nacional verificamos que ela fica em quinto lugar entre os estados do país (Tabela 1). Na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) esse índice é muito mais elevado, atingindo 14,85% (Tabela 2).

Tabela 2

População residente, por deslocamento para trabalho ou estudo, segundo o Aglomerado Urbano de residência, Rio Grande do Sul - 2000

Aglomerado Urbano de Residência	Total	Não trabalha, nem estuda	Trabalha ou estuda			Taxa de Mobilidade* %	Distribuição dos fluxos** %
			Total	No município de residência	Em outro município ou país estrangeiro		
Rio Grande do Sul	10.187.860	3.369.474	6.818.386	6.275.614	542.772	7,96	100,00
RMPA	3.718.784	1.286.017	2.432.767	2.071.590	361.177	14,85	66,54
AUNE	605.747	172.022	433.725	421.196	12.529	2,89	2,31
AUSul	557.216	212.600	344.616	334.746	9.870	2,86	1,82
AULINort	231.754	78.355	153.399	141.130	12.269	8,00	2,26
PERIMPA	715.491	201.189	514.302	476.073	38.229	7,43	7,04
FORA DO AU	4.358.868	1.419.291	2.939.577	2.830.879	108.698	3,70	20,03

Fonte dos dados brutos: Censo 2000, microdados da amostra.

* Percentual da população que trabalha ou estuda em outro município ou país estrangeiro (coluna 6) em relação ao total da população que trabalha ou estuda (coluna 4).

** Percentual da população de cada Aglomerado Urbano que trabalha ou estuda em outro município ou país estrangeiro em relação ao total do Rio Grande do Sul.

Quando enfocamos a população do Rio Grande do Sul, em mobilidade, desagregada segundo as aglomerações urbanas, vemos que os outros estados da Federação aumentam de importância como direção para fluxos originados na Aglomeração Urbana do Litoral Norte (AULINort), onde alcançam 7,16% dos fluxos, na Aglomeração Urbana do Sul (AUSUL), onde significam quase 6%, e em outros municípios do RS que se localizam fora das aglomerações, em que chegam a 6,31%. Países estrangeiros também se colocam com certo relevo como lugar de chegada para movimentos originados nesses municípios que não compõem aglomerados urbanos (Tabela 3). Foram cerca de cinco mil pessoas que se deslocaram de seu município de residência para trabalhar ou estudar em outro país, representando 4,53%. Somente para o Uruguai, houve 3905 deslocamentos. Tal resultado certamente se relaciona com a situação de fronteira do Estado.

A grande maioria dos fluxos (96,49%) tem caráter intra-estadual, destacando-se a Região Metropolitana de Porto Alegre que é destino para 67,07% de todos os deslocamentos com essa finalidade. Assim, vemos que os municípios da metrópole gaúcha acolheram no ano 2000, nada menos que 364 013 pessoas para exercerem suas atividades ou freqüentarem instituições de ensino (Tabela 3).

Outros estados da federação representam apenas 2,47% e os países estrangeiros 1,04%. Portanto, o Estado não se configura como origem muito expressiva para movimentos pendulares que extravasam seu território. Dentre as unidades da federação destacam-se, como destino para os movimentos pendulares originados no Rio Grande do Sul, nesta ordem, Santa Catarina, São Paulo Paraná e Rio de Janeiro. É interessante observar a polaridade de São Paulo que, mesmo mais

distante, atraiu volume maior de gaúchos do que o Paraná. O Rio Grande do Sul recebeu fluxos pendulares majoritariamente desses mesmos estados, porém ficando com saldo positivo somente no caso do Paraná (Tabelas 3 e 4).

Tabela 3

Distribuição dos deslocamentos populacionais para trabalho ou estudo, por Aglomerado Urbano de residência, segundo o local de trabalho ou estudo, Rio Grande do Sul - 2000

LOCAL DE TRABALHO OU ESTUDO	AGLOMERADO URBANO DE RESIDÊNCIA						
	TOTAL	RMPA	AUNE	AUSul	AULINort	PERIMPA	FORA DO AU
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Outro país	1,04	0,14	0,39	1,34	0,14	0,12	4,53
Outra UF	2,47	1,13	3,45	5,71	7,16	1,53	6,31
Outro município do RS	96,49	98,74	96,16	92,95	92,70	98,35	89,17
RMPA	67,07	92,35	22,22	9,43	23,81	25,79	12,84
AUNE	2,62	0,31	60,76	0,48	1,05	7,03	2,42
AUSul	2,10	0,09	0,38	65,03	0,40	0,19	4,13
AULINort	1,54	0,40	0,60	0,13	52,82	0,18	0,23
PERIMPA	6,04	1,54	5,76	0,11	0,87	52,21	5,91
FORA DO AU	13,92	0,95	2,84	13,24	3,95	9,43	61,05
RS sem especificação	3,21	3,09	3,61	4,52	9,78	3,50	2,58

Fonte dos dados brutos: Censo 2000, microdados da amostra.

Tabela 4

População em mobilidade pendular, por Aglomerados Urbanos de origem e destino, segundo as Unidades da Federação, Rio Grande do Sul, 2000

Unidades da Federação	Aglomerado Urbano de origem						Aglomerado Urbano de destino					
	RMPA	AUNE	AUSul	AULINort	PERIMPA	FORA DO AU	RMPA	AUNE	AUSul	AULINort	PERIMPA	FORA DO AU
RO	14	-	-	-	4	9	19	-	-	-	-	37
AC	20	-	-	-	-	39	-	-	-	-	-	-
AM	18	-	-	11	-	17	-	-	13	-	-	-
RR	10	-	-	-	-	25	-	-	-	-	-	-
PA	41	10	-	-	-	44	24	-	-	22	-	41
TO	18	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-
MA	29	8	-	-	-	43	66	4	-	14	7	144
PI	48	11	-	13	-	57	26	-	14	-	-	38
CE	71	-	36	4	8	46	41	-	-	-	-	12
RN	-	-	-	-	-	9	140	-	11	-	5	4
PB	-	-	-	-	-	20	65	26	-	10	6	79
PE	20	-	-	-	-	51	75	44	-	4	8	59
AL	-	-	-	-	-	-	39	-	-	-	10	35
SE	11	-	-	-	7	23	40	9	-	-	-	9
BA	137	-	9	23	-	135	190	24	-	-	21	84
MG	87	-	5	11	40	262	137	28	20	16	48	198
ES	-	-	-	-	13	19	62	5	5	-	28	13
RJ	262	24	146	15	65	298	69	42	11	12	24	60
SP	1.224	110	106	26	116	951	256	72	50	-	50	689
PR	992	35	28	-	82	731	653	126	168	12	97	980
SC	647	179	161	733	182	3.427	1.767	420	390	641	105	1.795
RS	356.613	12.048	9.174	11.371	37.589	96.921	364.014	14.216	11.398	8.345	32.804	75.548
MS	37	26	30	-	-	62	37	-	-	8	-	65
MT	37	21	19	-	21	242	33	-	9	-	2	109
GO	-	-	-	-	-	96	66	8	20	-	-	101
DF	102	-	23	-	10	37	-	-	-	-	-	68
TOTAL	360.438	12.472	9.737	12.207	38.137	103.569	367.819	15.024	12.109	9.084	33.215	80.168
OUTRA UF	3.825	424	563	836	548	6.648	3.805	808	711	739	411	4.620

Fonte dos dados brutos: IBGE, Microdados da amostra do Censo Demográfico 2000.

Atração e expulsão nos movimentos pendulares no Rio Grande do Sul

Os movimentos intra-aglomerados são sempre majoritários no Estado, facilitados que são pelas distâncias menores: significam 92,35% na RMPA, 65,03% na AUSul, 60,76% na AUNE, 52,82% na AULINort e 52,21% na PERIMPA, indicando que é forte a integração entre os municípios que conformam essas aglomerações. A Região Metropolitana, não obstante, tendo em vista constituir-se como a maior concentração econômica do RS, se destaca com a mais elevada incidência de fluxos internos, sendo, portanto, o destino prioritário para os municípios que a integram. Além disso, a região aparece como destino para fluxos originados em outras aglomerações: 22,22% dos movimentos da AUNE, 23,81% da AULINort e 25,79% da PERIMPA (Tabela 3).

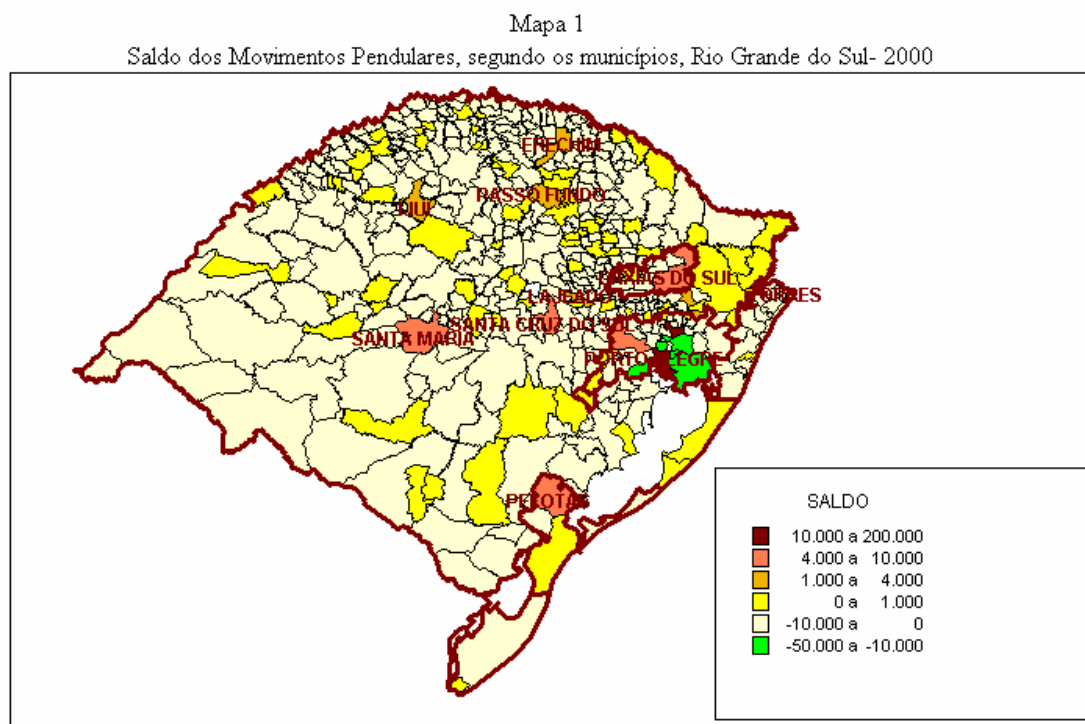
Claro está também que essas aglomerações ficam relativamente próximas da RMPA e são bastante acessíveis pela rede de vias existente. Porém, mesmo para aqueles municípios que estão fora de aglomerações, a RMPA funciona como destino para 12,84% dos que se deslocam para trabalhar ou estudar, evidenciando que a polaridade da região é muito forte, aparecendo também como atração sobre a aglomeração urbana do sul, cujo pólo, Pelotas, se localiza a 249 km de Porto Alegre, centro metropolitano (Tabela 3).

É interessante observarmos quais os municípios que funcionam como lugares de atração para os movimentos pendulares. Para tanto, utilizamos como indicador o saldo entre movimentos de destino e de origem. Primeiramente, desponta como grande força centrípeta a capital do Estado, com um saldo de 188.885 pessoas. Na seqüência, aparece Novo Hamburgo, município da RMPA, que se constitui em pólo para as localidades ao norte da região. É a segunda maior diferença, somando quase dez mil e quinhentas pessoas, que resultou como saldo entre os que chegaram e os que saíram para trabalhar ou estudar. No conjunto dos que mais atraíram fluxos pendulares encontramos ainda dois municípios da região: Triunfo e Igrejinha. O primeiro deles é sede do pólo petroquímico do estado e o outro faz parte do complexo coureiro-calçadista instalado no norte da RMPA. Destacam-se ainda os municípios mais importantes das aglomerações do nordeste, Caxias do Sul, e do sul, Pelotas² (Mapa 1).

Além desses, devemos mencionar as cidades de Santa Maria, Passo Fundo, Ijuí, Gramado e Erechim, pela dimensão dos fluxos pendulares que a elas se dirigem, superiores às saídas, resultando num saldo relevante. Essas cidades são, à exceção de Gramado, centros médios importantes do Estado, especialmente por concentrarem serviços, especialmente na área do ensino superior, mas não só, pois em grande medida se encontram em meio a regiões de produção agropecuária importantes no Estado. Santa Cruz do Sul e Lajeado, municípios que fazem parte do conjunto que estamos chamando de perimetropolitano, formam também esse grupo que configura atratividade para movimentos pendulares. São municípios para onde a economia metropolitana se estende. Gramado, cidade da serra gaúcha, que por seus atrativos naturais, se desenvolveu como ponto turístico

² Na verdade, segundo Soares, 2005, além de Pelotas, Rio Grande também funciona como pólo na AUSul. Apesar de a região estar experimentando um ciclo de estagnação econômica, essas duas cidades continuam como pólos econômicos regionais.

importante, concentrando serviços e equipamentos que funcionam como absorvedores de mão-de-obra, também integra a lista das unidades com saldos de pendularidade superiores a mil pessoas (Mapa 1).



Fonte dos dados brutos: Censo 2000, microdados da amostra.

Na outra ponta, da origem de movimentos pendulares, encontramos algumas situações que devem ser registradas. Os saldos negativos mais elevados, ou seja, os lugares que mais perdem nessas trocas, e que em geral representam situações de “dependência” em relação a centros economicamente mais dinâmicos, localizam-se na RMPA. Na sua maioria são tradicionais “dormitórios”,³ e esta é a situação de Viamão e Alvorada que tiveram os maiores saldos negativos, superiores a 40 mil pessoas. Os demais, outros sete municípios metropolitanos, representam circunstâncias bastante diferenciadas. Alguns deles têm experimentado mudanças significativas no período recente, como Gravataí, com a implantação do complexo automotivo da GM. Elas, porém, não têm significado ruptura com os vínculos existentes com a capital, que a proximidade e a facilidade de comunicação alimentam. Guaíba e Eldorado do Sul, saídas de Porto Alegre para o sul do Estado, mantêm historicamente relações importantes com a capital. Já Canoas, vem crescendo muito em termos econômicos, chegando a ser uma das principais economias do Estado, mas, talvez por isso, mantém fluxos importantes com o pólo.

³ Ogima, Silva e Pereira, 2007, discutem as várias noções usadas na literatura acadêmica sobre o fenômeno da “cidade dormitório”. Cauteloso com relação ao uso da expressão, chama atenção para alguns resultados obtidos por sua pesquisa a partir dos dados da mobilidade pendular, que questionam algumas teses bastante difundidas, tanto no meio acadêmico como jornalístico.

Além das unidades metropolitanas, devemos mencionar os casos de Capão do Leão, antigo distrito de Pelotas, pólo do aglomerado urbano do sul, e Santana do Livramento, cidade importante da fronteira gaúcha com o Uruguai. Ambas perderam nas trocas dos movimentos pendulares (Mapa 1).

Perfil demográfico da população em mobilidade

Analisando a tabela 5, que expõe a razão de masculinidade da população em mobilidade, podemos observar alguns pontos interessantes. Em primeiro lugar, é generalizada a predominância de homens entre os que realizam deslocamentos para trabalhar ou estudar, em todas as variantes de origem ou destino, refletindo a maior participação dos homens no mercado de trabalho.

Em segundo lugar, se olharmos para o aglomerado de residência, constatamos que o maior índice de masculinidade é o do Aglomerado Urbano do Sul, e o menor, o da RMPA. Já pelo lugar de trabalho ou estudo, o índice é mais elevado entre os que se dirigem para o Aglomerado Urbano do Nordeste e o menor entre os que trabalham ou estudam no Litoral Norte.

Tabela 5

Razão de masculinidade da população que trabalha ou estuda, por condição de mobilidade, segundo o Aglomerado Urbano, Rio Grande do Sul, 2000

Aglomerado Urbano de origem e destino	Origem			Destino
	Total	sem mobilidade	em mobilidade	
Rio Grande do Sul	96,18	93,55	158,49	159,02
RMPA	93,57	88,69	154,78	158,00
AUNE	97,57	96,55	162,62	235,84
AUSul	92,52	91,43	181,44	154,56
AULINort	100,33	97,77	160,60	139,07
PERIMPA	99,08	96,24	167,74	147,99
FORA DO AU	98,06	96,78	165,44	160,91

Fonte dos dados brutos: IBGE, Microdados da amostra do Censo

Demográfico 2000

Examinando o perfil etário da população em mobilidade (Tabelas 6, 7 e 8) fica muito claro o predomínio dos que estão na faixa ativa, ou seja, entre 15 e 64 anos. Os percentuais giram em torno dos 95% na maioria dos casos, mostrando que é muito reduzida a presença de crianças e idosos nesses fluxos. Porém desagregando as informações em mais intervalos de idade, percebemos que a população que realiza esses movimentos pendulares se concentra na faixa dos 25 aos 44 anos com proporções em torno dos 50%. Também a faixa dos 15 aos 24, que reúne a população com idade

para freqüentar o ensino superior, o que pode induzir deslocamentos, tem alta participação entre os que estão em mobilidade.

Tabela 6

Participação da população em idade ativa (15 a 64 anos) na população total em mobilidade, segundo aglomerados urbanos de residência e de trabalho/estudo, RS, 2000

Aglomerado urbano de trabalho e/ou estudo	Aglomerado urbano de residência						Total
	RMPA	AUNE	AUSul	AULINort	PERIMPA	FORA DO AU	
RMPA	95,49	100,00	97,96	95,76	95,30	97,81	95,62
AUNE	97,93	92,67	100,00	100,00	98,51	98,14	95,29
AUSul	98,45	100,00	95,84	100,00	100,00	96,21	96,12
AULINort	93,41	100,00	100,00	87,74	100,00	89,29	89,00
PERIMPA	95,55	95,01	100,00	90,65	93,36	95,92	94,27
FORA DO AU	92,76	81,46	92,88	92,78	92,65	91,74	91,81
Total	95,47	94,31	95,66	90,53	94,23	93,31	94,85

Fonte dos dados brutos: IBGE, Microdados da amostra do Censo Demográfico 2000

Considerando as diferentes origens e destinos dos fluxos pendulares, vemos que existem algumas situações peculiares. Na faixa de maior atividade, que reúne pessoas dos 25 aos 44 anos de idade, sobressaem-se os fluxos para a RMPA em geral, mas, sobretudo, os que têm por origem a RMPA e por destino, além da própria região, a AUNE e os municípios fora de aglomerados urbanos. Também concentram população nessa faixa etária os movimentos que se originam na AUSUL em direção a municípios da RMPA e outros, fora de aglomerados urbanos. Os movimentos dos que estão em situação de mobilidade no interior da área perimetropolitana e dessa região para a AUNE também têm forte participação da faixa etária mais ativa, qual seja, dos 25 aos 44 anos de idade. Percebe-se que estamos tratando com a atratividade da oferta de emprego e de oportunidades de trabalho.

Não obstante, é interessante analisarmos os deslocamentos dos que se encontram na faixa etária que teoricamente corresponde à freqüência no ensino superior. A concentração de instituições universitárias em poucos centros urbanos produz deslocamentos entre municípios e incidiria, sobretudo, nos que se encontram nesse intervalo de idade. Mesmo sabendo das evidências já alcançadas em outros estudos, acerca da existência de uma relação muito mais estreita da pendularidade com o trabalho (Jardim, Barcellos, 2006), observando as informações desagregadas podemos ver que parece existir uma maior participação dos que têm entre 15 e 24 anos de idade em deslocamentos que envolvem maiores distâncias. Assim, nesses movimentos inter aglomerados, é bem mais elevada a proporção de jovens, sugerindo deslocamento em busca de acesso ao ensino universitário.

Tabela 7

Participação da população com idade entre 25 a 44 anos na população total em mobilidade segundo aglomerados urbanos de residência e de trabalho/estudo, RS, 2000

Aglomerado urbano de trabalho e/ou estudo	Aglomerado urbano de residência						TOTAL
	RMPA	AUNE	AUSul	AULINort	PERIMPA	FORA DO AU	
RMPA	52,66	28,45	52,63	41,10	42,93	35,95	51,48
AUNE	55,13	49,07	100,00	58,14	52,46	35,79	47,98
AUSul	34,78	29,79	47,55	74,00	29,17	23,88	37,79
AULINort	41,48	25,00	100,00	37,99	39,71	29,76	38,34
PERIMPA	48,37	35,04	-	18,69	50,09	40,73	47,51
FORA DO AU	50,89	35,39	54,93	39,79	46,60	33,43	35,28
TOTAL	52,52	42,59	49,50	39,20	47,91	33,90	48,18

Fonte dos dados brutos: IBGE, Microdados da amostra do Censo Demográfico 2000

Tabela 8

Participação da população com idade entre 15 a 24 anos na população total em mobilidade segundo aglomerados urbanos de residência e de trabalho/estudo, RS, 2000

Aglomerado urbano de trabalho e/ou estudo	Aglomerado urbano de residência						TOTAL
	RMPA	AUNE	AUSul	AULINort	PERIMPA	FORA DO AU	
RMPA	25,58	61,21	28,36	35,90	41,60	53,14	27,43
AUNE	20,23	31,22	-	32,56	37,01	52,80	35,35
AUSul	38,82	38,30	28,89	26,00	68,06	67,64	44,71
AULINort	27,40	55,26	-	37,58	48,53	48,41	36,32
PERIMPA	33,87	48,06	100,00	67,29	31,72	46,37	35,45
FORA DO AU	23,25	17,98	16,76	30,72	32,80	48,84	46,09
TOTAL	25,69	39,24	26,91	36,96	35,01	50,31	31,49

Fonte dos dados brutos: IBGE, Microdados da amostra do Censo Demográfico 2000

Movimentos pendulares e trabalho: quem se desloca?

A distribuição etária dos que estão em mobilidade já nos indicou que a procura por oportunidades de trabalho é o maior móvel para a realização de deslocamentos diários entre municípios. Isso se torna viável fundamentalmente no interior de aglomerações, mas não só, pois com as comunicações e as vias de acesso entre as localidades facilitadas, residência e trabalho não necessariamente são coincidentes. Há que levar em conta a existência de uma certa desconcentração de atividades econômicas, sobretudo da indústria, propiciando esses deslocamentos. Em alguns casos, e isso vem se tornando mais freqüente para camadas médias da população, a especulação imobiliária também interfere nesses fluxos. A existência de imóveis mais baratos em localidades fora dos grandes centros urbanos estimula a separação residência/trabalho.

As informações que cruzam pendularidade com ocupação podem nos trazer elementos para essa abordagem. Para tratar a ocupação utilizamos “categorias sócio-ocupacionais” construídas a partir dos dados censitários de modo a evidenciar uma hierarquia de posições sociais.⁴ Trabalhamos com a taxa de mobilidade como indicador para identificar que segmentos são mais afetados pela necessidade de deslocamento. É importante mencionarmos que na taxa de mobilidade das categorias está embutida a mobilidade intra-aglomerados.

Examinando as informações desagregadas pelas aglomerações, observamos que a RMPA apresenta a maior taxa de mobilidade dos ocupados, 20,28%, enquanto na média do Estado a taxa é de 9,90%. Num segundo patamar, bem abaixo, estão a AULINort e a PERIMPA, com cerca de 9%. Num terceiro patamar ficam os demais conjuntos: AUNE, AUSUL e os municípios fora de aglomerações, com uma taxa de mobilidade entre 3% e quase 4% (Tabela 9).

A RMPA, principal aglomeração do RS, tem um quadro de mobilidade para trabalho onde se destacam os trabalhadores da indústria moderna, com uma taxa de 28,65%, seguidos pelas categorias médias, que apresentam índices de deslocamento superiores à média em todos os seus segmentos. Operários dos serviços auxiliares, prestadores de serviços não especializados e trabalhadores domésticos também têm mobilidade em nível mais elevado do que o conjunto dos ocupados residentes na região (Tabela 9).

Na AUNE, aglomeração que compõe o eixo industrial do RS e é polarizada por Caxias do Sul, a mobilidade afeta outras camadas sociais. Além das ocupações médias, nesse caso as ocupações da segurança pública, justiça e correios e as de supervisão, e dos operários dos serviços auxiliares, da construção civil e da indústria moderna, camadas que integram as elites despontam com taxas de

⁴ Sobre a construção das categorias sócio-ocupacionais, bem como acerca dos fundamentos teóricos dessa construção ver Mammarella, Barcellos, 2005 .

mobilidade acima da média: são dirigentes do setor público, grandes empregadores, e as categorias dos profissionais de nível superior os que mais se salientam.

Na AUSul, do mesmo modo que na AUNE, as elites têm mobilidade relativamente alta, destacando-se os dirigentes do setor privado, os profissionais empregados e estatutários de nível superior. As ocupações médias, os operários da construção civil, dos serviços auxiliares e os trabalhadores domésticos também apresentam mobilidade acima da média nesse aglomerado.

Hierarquizando a taxa de mobilidade na AULINort, que reúne os municípios do litoral norte do estado, as ocupações que encabeçam a lista são as de segurança pública, justiça e correios, com uma taxa cerca de três vezes superior à média. Logo abaixo estão profissionais de nível superior junto com ocupações médias e até grandes empregadores que aparecem com taxas entre 18,52% e 14,12%, e em seguida os pequenos empregadores. Das camadas operárias e populares somente os operários da construção civil têm mobilidade acima da média (Tabela 9).

Camadas médias, em especial os trabalhadores da segurança pública, justiça e correios (aqui também com taxa três vezes acima da média), os dirigentes, profissionais empregados de nível superior, grandes empregadores, entre as elites, e, por fim, no conjunto operário, os dos serviços auxiliares, da construção civil e da indústria tradicional compõem o grupo de categorias ocupacionais com mobilidade importante na região metropolitana (PERIMPA).

Tabela 9

Taxa de mobilidade pendular da população ocupada, segundo o Aglomerado Urbano de residência, por categorias ocupacionais, Rio Grande do Sul - 2000

Categorias socio ocupacionais	Aglomerado Urbano de residência						
	TOTAL	RMPA	AUNÉ	AUSul	AULINort	PERIMPA	FORA DO AU
TOTAL	9,90	20,28	3,05	3,83	8,84	8,60	3,58
Agricultores	1,57	6,14	0,75	1,91	2,63	1,82	1,33
Grandes Empregadores	9,35	13,74	5,57	1,73	16,61	9,58	4,16
Dirigentes do Setor Público	8,89	15,37	8,11	3,62	8,45	11,40	4,10
Dirigentes do Setor Privado	9,67	16,42	1,51	14,87	8,46	9,86	3,18
Pequenos Empregadores	6,76	11,05	2,21	3,26	9,30	6,62	3,73
Ocupações Artísticas e Similares	9,34	14,27	3,22	3,50	15,36	10,08	5,60
Profissionais Autônomos de Nível Superior	5,52	7,49	3,51	1,13	10,42	7,24	3,05
Profissionais Empregados de Nível Superior	16,66	20,53	5,69	8,58	18,15	18,17	10,71
Profissionais Estatutários de Nível Superior	11,91	14,98	3,25	7,42	18,52	12,95	9,10
Professores de Nível Superior	10,31	15,69	4,03	3,91	17,87	13,59	6,74
Ocupações de Escritório	14,79	23,62	3,80	3,26	14,27	11,42	5,73
Ocupações de Supervisão	17,03	25,22	6,82	5,96	17,94	15,81	7,51
Ocupações Técnicas	16,68	24,73	4,31	6,25	14,90	16,86	7,24
Ocupações Médias da Saúde e Educação	12,20	21,72	3,68	4,52	14,12	10,21	5,39
Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios	16,65	24,39	6,94	7,09	24,02	24,56	11,56
Trabalhadores do Comércio	9,43	17,89	2,52	2,84	7,75	8,79	3,38
Prestadores de Serviços Especializados	11,59	20,48	1,79	3,00	8,05	7,87	3,61
Prestadores de Serviços Não Especializados	11,93	23,25	1,77	3,43	7,29	6,35	2,17
Trabalhadores da Indústria Moderna	15,13	28,65	3,14	3,14	7,52	13,21	4,74
Trabalhadores da Indústria Tradicional	9,93	15,03	2,33	3,67	7,63	9,95	4,64
Operários dos Serviços Auxiliares	13,11	24,85	4,52	4,09	12,05	13,65	5,64
Operários da Construção Civil	11,63	20,80	3,32	6,06	9,11	10,80	5,56
Trabalhadores Domésticos	10,12	22,79	1,30	3,96	6,67	6,15	2,80
Ambulantes e Biscateiros	7,13	12,98	1,92	3,07	7,04	6,17	2,33

Fonte dos dados brutos: IBGE, microdados da amostra do Censo Demográfico 2000.

Constatamos, assim, que as camadas dirigentes e os profissionais de nível superior têm alta mobilidade em todas as aglomerações, à exceção da RMPA, que se destaca pela mobilidade dos trabalhadores da indústria e das camadas médias.

Os agricultores constituem a categoria de trabalhadores com a menor mobilidade em todas as aglomerações urbanas do RS.

Avançando na abordagem da relação mobilidade e trabalho, é interessante analisar o saldo da mobilidade pendular, informação que complementa a análise das taxas de mobilidade porque traz elementos sobre origens e destinos nesses fluxos para trabalho.

Observamos inicialmente, que os saldos mais elevados nessas trocas se concentram na RMPA.

O maior deles, acima de duas mil pessoas, tanto positivo, na RMPA, como negativo, nos municípios fora das aglomerações urbanas, ficou com os operários da construção civil. As ocupações de escritório e os operários dos serviços auxiliares vêm logo abaixo com volumes superiores a mil pessoas, repetindo a composição regional anterior nos pólos positivo e negativo (Tabela 10).

Os trabalhadores da indústria tradicional apresentaram um saldo negativo acima de mil na RMPA, o que provavelmente está relacionado com a concentração desses trabalhadores na porção norte da região, onde se localizam as empresas do setor coureiro calçadista do Estado. As crises periódicas desse setor provavelmente são fatores indutores de deslocamentos para municípios próximos. As trocas, se olharmos para os saldos positivos, se deram sobretudo com a PERIMPA e a AUNE, aglomerações que mantêm relações econômicas importantes com a RMPA (Tabela 10).

Nas trocas entre saídas e entradas, ainda com foco na RMPA, os trabalhadores domésticos e os trabalhadores em ocupações técnicas tiveram um saldo acima de 900 ocupados. As mesmas categorias também apresentaram resultado positivo, porém menor, na AUNE. Já nos municípios fora de aglomerações e na PERIMPA, o resultado para essas categorias foi negativo (Tabela 10).

Assim, vemos que em termos de volumes esses movimentos envolveram principalmente camadas operárias e populares e segmentos das categorias médias.

Uma questão que deverá ser melhor analisada é a participação dos pólos regionais nos fluxos pendulares. Isso porque alguns deslocamentos que configuram relações intra-aglomerados só se evidenciam ao separarmos a principal cidade dos demais municípios que conformam, os aglomerados. Um recorte identificando o saldo da mobilidade por categorias nos municípios que polarizam as aglomerações, pode nos fazer avançar nessa direção.

Tabela 10

Saldo da mobilidade pendular da população ocupada, segundo o Aglomerado Urbano, por categorias ocupacionais, Rio Grande do Sul - 2000

Categorias socio ocupacionais	Aglomerado Urbano					
	RMPA	AUNE	AUSul	AULINort	PERIMPA	FORA DO AU
TOTAL	10.210	3.438	-177	-1.398	-2.374	-9.702
Agricultores	-98	174	-82	-41	62	-15
Grandes Empregadores	-59	-52	-13	-25	84	66
Dirigentes do Setor Público	117	-28	10	-5	-16	-79
Dirigentes do Setor Privado	-33	21	-31	-6	46	0
Pequenos Empregadores	-93	-15	-79	-87	-76	349
Ocupações Artísticas e Similares	70	71	61	-18	47	-230
Profissionais Autônomos de Nível Superior	20	-20	-25	-9	8	24
Profissionais Empregados de Nível Superior	344	20	90	41	-145	-353
Profissionais Estatutários de Nível Superior	70	28	-27	-23	-47	-3
Professores de Nível Superior	54	90	13	-11	-126	-17
Ocupações de Escritório	1.334	71	122	-134	-417	-975
Ocupações de Supervisão	500	41	-72	-114	-127	-228
Ocupações Técnicas	920	313	-121	-146	-532	-434
Ocupações Médias da Saúde e Educação	345	55	-67	-22	46	-359
Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios	796	-30	-59	-147	-149	-411
Trabalhadores do Comércio	787	248	-15	-10	-249	-759
Prestadores de Serviços Especializados	573	204	40	-87	-25	-705
Prestadores de Serviços Não Especializados	243	20	10	25	-87	-210
Trabalhadores da Indústria Moderna	595	685	10	-5	-787	-498
Trabalhadores da Indústria Tradicional	-1.031	667	29	133	862	-661
Operários dos Serviços Auxiliares	1.079	365	45	-163	-438	-887
Operários da Construção Civil	2.553	373	10	-453	-186	-2.296
Trabalhadores Domésticos	962	86	24	-41	-70	-961
Ambulantes e Biscateiros	162	51	-50	-50	-52	-60

Fonte dos dados brutos: IBGE, microdados da amostra do Censo Demográfico 2000.

Examinando a tabela 11 constatamos inicialmente que, enquanto sob a ótica regional os saldos foram positivos apenas para a RMPA e a AUNE, quando destacamos as principais cidades das aglomerações, constatamos que todas tiveram resultados positivos nas trocas dos movimentos pendulares. Por outro lado, se a aglomeração metropolitana se revelou como epicentro dos movimentos pendulares, o município de Porto Alegre se constitui em pólo privilegiado para onde convergiram os deslocamentos. A distância entre o resultado obtido para a capital do Estado e para Novo Hamburgo, também um município da região metropolitana, que aparece na segunda posição no rol dos maiores saldos, é enorme, mostrando a dimensão que nela assume a concentração de oportunidades.

Enfocando os saldos na sua relação com as categorias ocupacionais, podemos ver para que trabalhadores essa atratividade é maior. Nesse sentido, nas trocas em que o pólo metropolitano teve os maiores saldos, acima de 20 mil ocupados, aparecem somente as ocupações de escritório, categoria que compõe as camadas médias, e os trabalhadores domésticos, que fazem parte do Terciário não especializado. Além dessas categorias se salientam, nessa ordem, os prestadores de serviços especializados, os operários da construção civil, os trabalhadores do comércio, os prestadores de serviços não especializados, os trabalhadores da indústria moderna, os operários dos serviços auxiliares e as ocupações técnicas, todas com saldos acima de 10 mil pessoas.

Tabela 11

Saldo da mobilidade pendular da população ocupada, segundo os municípios de Porto Alegre, Novo Hamburgo, Caxias do Sul, Pelotas e Tramandaí, por categorias ocupacionais, Rio Grande do Sul - 2000

Categorias Ocupacionais	PORTO	NOVO	CAXIAS DO	PELOTAS	TRAMANDAI
	ALEGRE	HAMBURGO	SUL		
agricultores	457	-14	143	-116	2
Grandes Empregadores	-76	-31	4	4	7
Dirigentes do Setor Público	418	22	-31	-4	0
Dirigentes do Setor Privado	-67	-24	22	-28	-4
Pequenos Empregadores	1.235	16	-20	-146	-5
Ocupações Artísticas e Similares	931	95	70	85	-31
Profissionais Autônomos de Nível Superior	235	100	-9	-12	-20
Profissionais Empregados de Nível Superior	1.547	160	9	65	21
Profissionais Estatutários de Nível Superior	67	12	19	-76	3
Professores de Nível Superior	-735	156	40	-18	69
Ocupações de Escritório	21.922	1.239	265	182	-43
Ocupações de Supervisão	6.584	593	127	-113	8
Ocupações Técnicas	10.565	933	298	-118	5
Ocupações Médias da Saúde e Educação	6.271	37	157	-75	88
Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios	3.371	5	-67	-37	-3
Trabalhadores do Comércio	15.321	792	274	377	22
Prestadores de Serviços Especializados	19.123	678	171	173	111
Prestadores de Serviços Não Especializados	12.523	557	77	196	-28
Trabalhadores da Indústria Moderna	12.114	1.333	816	110	-10
Trabalhadores da Indústria Tradicional	6.752	1.204	516	113	-17
Operários dos Serviços Auxiliares	10.967	451	266	185	-10
Operários da Construção Civil	17.276	448	374	490	37
Trabalhadores Domésticos	20.861	416	112	561	-1
Ambulantes e Biscateiros	4.822	21	40	60	-19
Total	172.484	9.199	3.673	1.858	182

Fonte dos dados brutos: Censo 2000, microdados da amostra

É importante ainda registrarmos alguns resultados importantes. A polaridade de Porto Alegre para profissionais de nível superior, particularmente para os empregados, e para pequenos empregadores chama atenção. Também a expulsão maior que atração de professores de nível superior deve ser mencionada pois aponta as oportunidades em municípios que são relevantes centros universitários, como Canoas, São Leopoldo, Novo Hamburgo, da RMPA, e Santa Cruz do Sul, da PERIMPA (Tabela 11).

Em Novo Hamburgo, trabalhadores da indústria moderna e tradicional, e ocupações de escritório encabeçam a lista dos saldos da mobilidade pendular, porém num patamar muito mais baixo do que as diferenças apresentadas pela capital do Estado. Caxias do Sul, num patamar ainda mais baixo, exibiu resultado positivo nas trocas que envolveram sobretudo os trabalhadores da indústria moderna e tradicional e os operários da construção civil. Em Pelotas, por fim, foram os trabalhadores domésticos e os operários da construção civil que se salientaram com as diferenças positivas mais elevadas entre saídas e entradas.

Além desses centros regionais investigamos, agora usando o perfil sócio-ocupacional⁵, a distribuição por categorias sócio-ocupacionais dos que se deslocam em direção a São Paulo, principal destino dos movimentos para fora do Estado, e para o Uruguai, maior destino entre os que saem para

⁵ Trabalhamos com o perfil ocupacional e não com o saldo em função da impossibilidade de obtermos essa informação para os fluxos do exterior para o RS.

trabalhar ou estudar fora do País. Encontramos, no primeiro caso, uma estrutura ocupacional mais elitizada do que a média do RS, salientando-se os dirigentes do setor privado e os profissionais empregados de nível superior. Também as ocupações médias de supervisão, os prestadores de serviços especializados e os operários dos serviços auxiliares têm participação importante (Tabela 12).

Tabela 12

Distribuição ocupacional da população residente no Rio Grande do Sul, que realiza movimento pendular com destino a São Paulo, Brasil, e Uruguai, 2000

Categorias sócio-ocupacionais	SÃO PAULO	URUGUAI	TOTAL
Agricultores	-	14,49	19,25
Grandes Empregadores	0,62	0,95	0,58
Dirigentes do Setor Público	0,55	0,40	0,27
Dirigentes do Setor Privado	1,60	0,73	0,27
Pequenos Empregadores	0,74	5,95	2,94
Ocupações Artísticas e Similares	2,59	1,24	1,04
Profissionais Autônomos de Nível Superior	2,28	1,53	1,43
Profissionais Empregados de Nível Superior	11,95	2,34	1,58
Profissionais Estatutários de Nível Superior	-	0,26	0,50
Professores de Nível Superior	2,40	3,21	1,76
Ocupações de Escritório	4,25	3,58	6,51
Ocupações de Supervisão	11,08	6,28	3,07
Ocupações Técnicas	9,98	2,26	4,18
Ocupações Médias da Saúde e Educação	0,92	4,13	3,20
Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios	0,62	2,41	1,81
Trabalhadores do Comércio	4,86	10,11	7,79
Prestadores de Serviços Especializados	17,55	4,93	6,54
Trabalhadores da Indústria Moderna	6,03	8,80	5,34
Trabalhadores da Indústria Tradicional	0,49	4,38	7,43
Operários dos Serviços Auxiliares	11,82	5,44	4,69
Operários da Construção Civil	4,99	8,91	6,84
Prestadores de Serviços Não Especializados	0,31	1,68	3,60
Trabalhadores Domésticos	0,99	3,10	6,62
Ambulantes e Biscateiros	3,39	2,88	2,78
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte dos dados brutos: Censo 2000, microdados da amostra.

Quando o destino é o Uruguai, país fronteiro ao RS, verificamos que os trabalhadores do comércio, operários da construção civil, e trabalhadores da indústria moderna são relevantes, além dos agricultores, que representam quase 15% dos que cruzam a fronteira regularmente para trabalhar naquele país (Tabela 12).

Considerações finais

Alguns resultados da investigação devem ser retomados pela sua importância para entendermos os processos envolvidos na organização do território do Rio Grande do Sul.

Inicialmente, vimos que a mobilidade pendular no Estado é bastante elevada se considerarmos as demais unidades da federação, constituindo-se, sobretudo, em uma questão importante no contexto das relações de troca tanto entre as aglomerações como no seu interior. Os fluxos do RS para fora de seu território não são muito significativos, aumentando, no entanto, de relevo quando originados em algumas aglomerações urbanas, mais especificamente na do Sul e do Litoral Norte. Já o conjunto dos municípios localizados fora das aglomerações se destacou por enviar população para estudar e/ou trabalhar não só em outros estados, como em outros países, sendo que o Uruguai aparece como o mais procurado. A situação de fronteira certamente favorece esses últimos deslocamentos. Dentre as Unidades da Federação, Santa Catarina, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro são as direções mais freqüentes, sendo interessante salientar a polaridade de São Paulo que, mesmo mais distante, atraiu volume maior de gaúchos do que o Paraná.

A grande maioria dos fluxos, porém, tem caráter intraestadual, sendo que a Região Metropolitana de Porto Alegre é o destino majoritário para os movimentos pendulares no RS. Considerando os aglomerados, os movimentos internos são sempre predominantes.

Ao observarmos a atratividade no nível municipal, Porto Alegre desponta como grande força centrípeta para a pendularidade no Estado, com um saldo positivo entre entradas e saídas muito superior ao dos outros municípios. Além da capital, integram a classificação dos maiores saldos, Novo Hamburgo, município da RMPA, que se constitui em pólo para as localidades ao norte da região; Pelotas e Caxias do Sul, cidades mais importantes das aglomerações do nordeste e do sul; Triunfo sede do pólo petroquímico do Estado e Igrejinha, que faz parte do complexo coureiro-calçadista instalado no norte da RMPA; Santa Maria, Passo Fundo, Ijuí e Erechim, centros médios importantes do Estado; Santa Cruz do Sul e Lajeado, que fazem parte do conjunto que estamos chamando de perimetropolitano; e por fim Gramado, cidade da serra gaúcha que, por seus atrativos naturais, se desenvolveu como ponto turístico importante.

No outro lado da atratividade, na origem dos fluxos para trabalho e estudo, encontramos municípios localizados fundamentalmente na RMPA. São configurações bastante diferenciadas que vão desde tradicionais “dormitórios”, e esta é a situação de Viamão e Alvorada que tiveram os maiores saldos negativos, até municípios com dinamismo econômico como Gravataí, que é sede do complexo automotivo da GM, e Canoas, cujo PIB está entre os maiores do Estado.

Os resultados sobre o perfil demográfico dos que estão em situação de mobilidade são os esperados, predomínio da população em idade ativa e dos homens.

Com relação à estrutura ocupacional constatamos que as categorias médias, se tomadas em conjunto, são os principais sujeitos na mobilidade pendular no RS. Não importa a aglomeração urbana, elas se destacam com altas taxas de mobilidade. Na RMPA, além das camadas médias, os trabalhadores da indústria, especialmente do segmento moderno e trabalhadores do terciário não especializado, prestadores de serviços e empregados domésticos, apresentam as maiores taxas de

mobilidade. Já nas outras aglomerações, especialmente na AUNE e na AUSul o diferencial fica com uma mobilidade elevada das elites.

Os saldos da mobilidade das categorias sócio-ocupacionais nos aglomerados mostraram que em termos de volumes esses movimentos envolveram principalmente camadas operárias e populares e segmentos das categorias médias. A RMPA concentrou esses movimentos, sobretudo os de entrada, ficando com o maior saldo das trocas. A AUNE aparece também com resultado positivo, porém bem inferior. Já nas demais aglomerações os saldos da pendularidade foram negativos, apontando a centralidade do aglomerado metropolitano no RS.

Com o olhar voltado para os saldos da mobilidade pendular nos pólos regionais vimos que a atratividade da capital do Estado e pólo metropolitano é incomparável com a dos demais núcleos. As categorias ocupacionais envolvidas são em geral operárias e populares, à exceção dos trabalhadores de escritório, que, embora fazendo parte das camadas médias, constituem um conjunto “tradicional” de ocupações que se encontram em mudança tendo em vista a modernização e informatização dos processos de trabalho que afetam esse segmento.

Sobre a mobilidade para fora do Estado ressalta o perfil mais elitizado dos trabalhadores que se deslocam para São Paulo e a influência da situação de fronteira no caso do Uruguai: o perfil dos trabalhadores reflete sobretudo as situações das fronteiras urbanas, onde o comércio é a principal atividade, e das fronteiras rurais, onde as articulações envolvidas na produção agrícola, muitas vezes extravasa os limites entre os países.

Referências

- ALONSO, José Antonio F. O cenário regional gaúcho nos anos 90: convergência ou mais desigualdade? **Indicadores Econômicos FEE**, v.31, n.3, Porto Alegre, 2003. p. 97-117
- DESCHAMPS, Marley, CINTRA, Anael. Análise dos Movimentos Pendulares nos Municípios da Região Metropolitana de Curitiba. V Encontro Nacional sobre Migrações, Campinas, 15 a 17 de outubro de 2007. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/ mesa_04_ana_mov_pen.pdf > Acesso em: março 2008
- JARDIM, Maria de Lourdes, BARCELLOS, Tanya M. de. Análise das diferenças sociais nos fluxos populacionais para a metrópole de Porto Alegre. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu – MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.
- MAMMARELLA, Rosetta, BARCELLOS, Tanya M. De. Estrutura social e segmentação do espaço metropolitano. Um retrato da Região Metropolitana de Porto Alegre em 2000. **Cadernos Metrópole**. Nº 13, São Paulo : EDUC, 2005. p.133-170.
- OJIMA, Ricardo; SILVA, Robson Bonifácio da; PEREIRA, Rafael H. Moraes. A mobilidade pendular na definição das cidades dormitório: caracterização sócio-demográfica e novas territorialidades no

contexto da urbanização brasileira. V Encontro Nacional sobre Migrações, Campinas, 15 a 17 de outubro de 2007. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunic_sec_1_mob_p_en_def.pdf> Acesso em: março 2008.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Novos Recortes Territoriais E Aglomerações Urbanas No Sul do Brasil. **Scripta Nova, Revista Electrónica De Geografía Y Ciencias Sociales**, Vol. IX, n. 194 (111), 1 de agosto de 2005. Disponível em : <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-111.htm> Acesso em: fevereiro 2008.